



Director literario:

PAPIM

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SECULO

Director artistico:

PAPUSSE

A LENDA DA PRIMEIRA GUITARRA

Por JOSÉ S. RAU

Desenhos de EDUARDO MALTA



S meninos que são portugueses, já ouviram decerto tocar guitarra. É um instrumento simples, banal, sem as pretensões do piano de cauda e está para este último na mesma proporção em que a rôla modesta está para o pavão orgulhoso ou a tímida violêta para a dália rubra dos jardins. No entanto, como neste mundo acontece que a qualidade, não acompanha muitas vezes a quantidade, sucede tam-

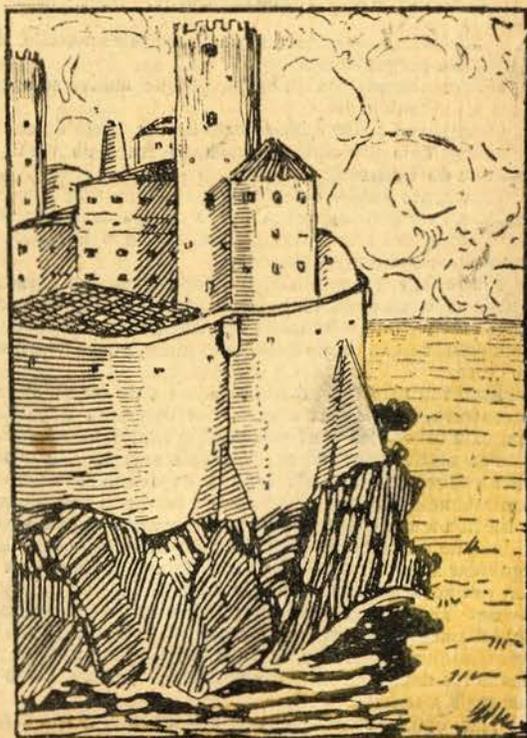
bém que a música da guitarra é mais doce e enternecedora que a do piano, assim como a delicadeza da rôla é maior que a do pavão e o perfume da violêta mais suave que o da dália, porque esta não tem perfume algum.

E embora, pelo que se refere à guitarra, os poetas, os revisteiros, os fadistas e os estudantes abusem das suas cordas que só devem estremecer ao luar, dando-lhes o destino do piano, do pavão e da dália quando, afinal de contas, lhes deviam dar o da rôla e o da violêta. Sem embargo, repito, de tôdas estas coisa, eu, que adoro a guitarra como o rouxinol, vou contar aos meninos uma história que me ensinou a minha ama Inácia, que era ratada das bexigas. Essa história chama-se: «A Lenda da Primeira Guitarra», e é portuguesa de lei como não podia deixar de ser.

— Há muitos anos, quando Portugal não tinha ainda este nome, quando era apenas um canto de terra florida à beira-mar (o que não admira, porque, antes de existir o mundo, já Portugal existia no coração de Deus) vivia um duque poderoso e sempre triste. Habitava num grande castelo erguido sobre rochedos. A sua boca nunca sorria e nos seus olhos brilhava um fulgor cruel. Era taciturno como a noite sem estrêlas e como as montanhas sem vegetação. Passava a existência na sala de armas do castelo, mumurando palavras que ninguém entendia, que talvez nem êle próprio entendesse e o soalho estava já gasto do seu perpétuo vaguear.

As vêzes, como que num desejo de esquecer a vida, abalava com numerosa comitiva para a caça, e ao som das trompas das cavalgadas loucas, percorria léguzs e léguzas, matando

(Continua na 4.ª pag.)



Esperança

POR FERNANDO A. SIMOES

Desenhos de EDUARDO MALTA

(CONTINUADO DO NÚMERO ANTERIOR)

O senhor está aqui amarrado, impotente para dar um passo; é meu prisioneiro. Poderia, se quizesse, deixá-lo ficar assim, ou mesmo matá-lo, se, como o senhor julga, viessemos aqui com más intenções.

«Mas, não. Pelo contrário: vou até soltá-lo.

E, pegando numa faca, cortou-lhe as cordas; pegou depois nos revólvers e no punhal e entregou-lhos também.

—São seus; aqui os tem. Está convencido agora de que lhe não queremos fazer mal algum?

O desconhecido parecia hesitar ainda, mas, por fim, disse:

—Que querem então daqui?

Chegavam ao ponto das explicações. Jorge contou tudo: a catástrofe, como se salvara um naufrago, o que ele julgara ver, a sua chegada a Lisboa, e a esperança inabalável que ele, Jorge, imediatamente adquirira de encontrar seu pai.

A' medida que ia falando, o rosto do desconhecido ia perdendo a ferocidade: via-se que acreditava.

Quando Jorge acabou, perguntou-lhe:

—Seu pai estava louco?

Jorge ficou espantado, e olhou para Carlos Lourenço, como que a perguntar-lhe se o pai enlouquecera durante a viagem. Carlos abanou negativamente a cabeça, e Jorge exclamou:

—Não. Meu pai sempre esteve no seu juízo perfeito. Mas, porque me pergunta isso?

O desconhecido contou então, porque motivo se encontrava ali abandonado.

Chamava-se John, e fazia parte de um navio de contrabandistas, cujo principal contrabando era o do vinho, na America do Norte.

Nunca, até então, o governo conseguira saber onde se ocultava esse barco, apesar de ter a certeza da sua existência, e prometêra um dia um prémio de cinco mil dólares a quem indicasse o seu paradeiro.

Ele John, era contrabandista, não porque lhe agradasse aquela vida, mas porque se vira obrigado a tomá-la, por diversos motivos. Pensou então que esses cinco mil dólares era uma grande quantia para ele, que, junto, nunca tivera mais de cinco.

Escreveu uma carta denunciando o sitio exacto onde se encontrava, e, dois dias depois, nas costas da Nova-Escócia, caía sobre eles um formidável cruzador americano.

Por motivos que nunca conseguin averiguar, o capitão veio a saber que fora ele o autor da denuncia. Apesar de contrabandista, o capitão não tinha instintos sanguinarios, e limitou a sua vingança a ir pô-lo, fugindo a toda a velocidade do cruzador, naquela ilha abandonada, onde devia aguardar a morte, visto a ilha não ser nunca visitada, e não ter, portanto, facilidade de sair dali.

Ser-lhes-ia impossível fugir tantas milhas ao cruzador, se, felizmente para os contrabandistas, este não tivesse tido um qualquer desarranjo, talvez nas máquinas, porque, poucas horas depois de iniciar a perseguição, parou, e não voltou mais a andar.

Mas, dizia o contrabandista, continuando a sua narrati-

va, quando aqui desembarcámos, o nosso espanto não teve limites, porque encontrámos cá um homem, que devia ser um louco, pois não disse nunca qualquer coisa com geito. Mas, se assim fosse, a sua loucura não era perigosa, antes inofensiva, porque se mostrou muito dócil a tudo quanto lhe fizeram e apenas dizia em magnifico inglês:

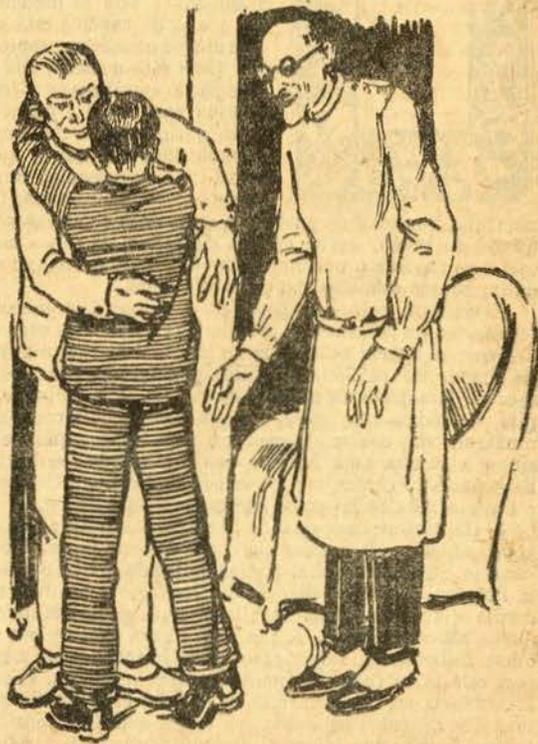
—O meu barco! Dêem-me o meu barco! Não façam o que os outros fizeram, que se fôram embora e não me levaram, para não terem de me dar contas do meu barco!

«Nos raros momentos em que saía do silêncio, apenas proferia estas palavras, para voltar de novo à mesma faturnidade. Nesses momentos ninguém lhe conseguia arrancar uma palavra.»

Jorge levantára-se ancioso; logo de principio se convencêra de que esse homem era seu pai, embora as palavras que o contrabandista dizia ter-lhe ouvido dessem a entender que o barco lhe havia sido roubado por homens e não pelos elementos.

No entanto Jorge não desanimou; tinha a certeza absoluta de que esse homem era seu pai.

—E esse homem? perguntou ele ao contrabandista,





«Está ainda aqui?

— Não respondeu este, o capitão levou-o porque teve dó dele.

Jorge já esperava este golpe, por isso não se espantou. Haviam perdido a pista e só o acaso lhes poderia dizer onde se encontrava agora André Soares.

Nada mais havia a fazer naquela ilha. Iriam à Terra-Nova, onde investigariam o paradeiro do barco contrabandista; talvez que já tivesse sido apanhado e lá lhe podessem responder.

Mas o piloto, que ouvira, tudo, exclamou:

— O que esse homem diz, não deve ser verdade.

«Esse barco de contrabandistas foi apanhado e todos os seus tripulantes condenados à morte.

«Se entre eles fôsse algum louco, não seria decerto condenado, antes o poriam numa casa de saúde. E como não consta que isso tivesse sucedido, pois morreram todos na cadeira electrica, eu afirmo que esse homem mente.

Jorge sentiu que um suor frio lhe inundava a fronte, e por momentos desanimou.

Se ambos, o contrabandista e o piloto, falassem verdade, era porque seu pai fôra também condenado à morte.

Mas Jorge não pertencia ao número dos que desanimam, mas sim aos que não perdem nunca a esperança de conseguir o que pretendem.

Por isso, o momentâneo desânimo lhe passou logo, e a esperança lhe voltou de novo.

— Quem sabe, pensou ele, talvez o contrabandista minta.

«Vou vêr.

Agarrou o contrabandista por um braço, e disse lentamente.

— O meu piloto diz que é mentira o que dizes, e apresenta provas que não são para desprezar.

«Tu traíste os teus companheiros por 5 mil dólares; pois bem; darte-hei dez mil se me disseres a verdade acerca do que contaste.

Um relâmpago de cubica perpassou pelos olhos do contrabandista. Mas logo lhe passou, e com uma acentuação que impressionou Jorge, exclamou:

— Juro por Deus, que é aqui a única testemunha que nos ouve, que disse a verdade.

O acento destas palavras era tão sincero, que Jorge acreditou-o. Seria efectivamente verdade?

Era o que Jorge ia decerto averiguar com aquela esperança de vencer, que o não abandonava nunca, porque

quinze dias depois vamos encontrá-lo em Nova-York, trabalhando activamente para descobrir o paradeiro de seu pai.

Num hospício de alienados de Nova-York, célebre pela fama dos médicos que nêle trabalhavam, encontravam-se três celebridades, que discutiam um qualquer assunto que os interessava vivamente.

— Pois meus senhores, dizia um atravessando a sala a passos largos, estou no meu ponto de vista e daqui não saio. So uma comoção brusca violenta é inesperada o poderão fazer recordar o passado.

— Diz bem, respondeu outro tirando uma fumaça do seu óptimo cigarro, em dizer «o poderão fazer recordar o passado», porque, efectivamente, não é caso de loucura, que temos ante nós.

— Mas dizia o terceiro sentado numa esquina da secretária e balouçando a perna, que género de comoção conhecem os senhores que seja maior do que esta: está um homem muito socegado da sua vida vivendo longe e completamente separado das linguas do mundo, e aparece-lhe de repente uma casca de noz, carregando homens que o govêrno persegue; esses trazem-o à força com eles, são todos apanhados e quinze dias depois, o homem que estava tão descansado num sítio onde era senhor absoluto, vê-se condenado à morte sem sequer ter feito mal a uma môsca?

— Quanto a mim, isto é seguramente um forte comoção, mas que não há produzido efeito algum.

— Assim é efectivamente, mas não deve talvez tratar-se de comoções desse género.

— Que diriam os senhores que sucederia, se este homem tivesse um irmão, um filho, um primo, ou qualquer parente enfim, que êle muito estimasse e que lhe apparecesse de improvisô?

— Não acham que uma comoção deste género seria o suficiente para o fazer voltar ao seu estado normal?

— Teve efectivamente uma grande idéa, doutor. Creio também ser esse o único meio de cura.

— Mas digam-me meus senhores, dizia o terceiro que seguramente gostava de contradizer, onde vão buscar um parente nessas condições?

(CONTINÚA NO PRÓXIMO NÚMERO)

Continuação do conto: — «A LENDA DA PRIMEIRA GUITARRA»

lobos, javardos, veados e outros animais dos bosques. Então, quando contemplava a agonia dos bichos e via o sangue saltar em jorros, uma alegria enorme subia-lhe ao rosto. E abalava para para o castelo, á desfilada, para logo voltar ao seu doloroso passeio na sala de armas.

Chamava-lhe o povo o Duque Negro, porque, além da sua tristeza, tinha uma barbas escuras, e as mães, das aldeias e povoados, quando queriam meter medo aos filhos, diziam sempre: «não chores, que aí vem o Duque Negro». E os petizes calavam-se, apavorados. Ora este duque meditando tinha uma filha encantadora de dezoito anos que era um milagre de beleza, de ternura e de bondade. Era pequenina e loira e ao lado do seu carrancudo pai, parecia um raiosito de sol a pousar na entrada duma caverna. Sem atentar na melancolia que a rodeava, chegou à idade de ser mulher com a boca cneia de risos, até que, de repente, ao compreender o insólito desespero de seu pai, ficou, pela primeira vez, com os olhos cheios de lágrimas.

Em vão procurou distraí-lo, iluminar aquela treva profunda, fazendo-lhe carícias, dando-lhe mimos, dando-lhe consolação. Mas o Duque Negro permanecia insensível a tudo como uma estátua. Então ela entristeceu também, a sua alma fechou as pétalas de rosa e nunca mais sorriu. A tal ponto que os fidalgos do castelo e a própria arraia miuda começaram a chamar-lhe Saudade.

E agora já os meninos ficam sabendo como se inventou a mais linda palavra portuguesa. Passava ela dias inteiros no castelo ducal e, a pouco e pouco, foi-se afeiçoando aos prazeres da caça, não á morte dos animaizinhos, coitados, mas às galopadas por charnecas e outeiros.

Acompanhava seu pai num corcel branco de caudá rasante e resistia á fadiga mais dura como um homem.

Era, no entanto, querida de todos e todos, quando se aproximava a cavalgada luzida, acorriam á beira dos caminhos

e enchiam-na de bênçãos. Porque Saudade era formosa como Santa Maria Madalena.

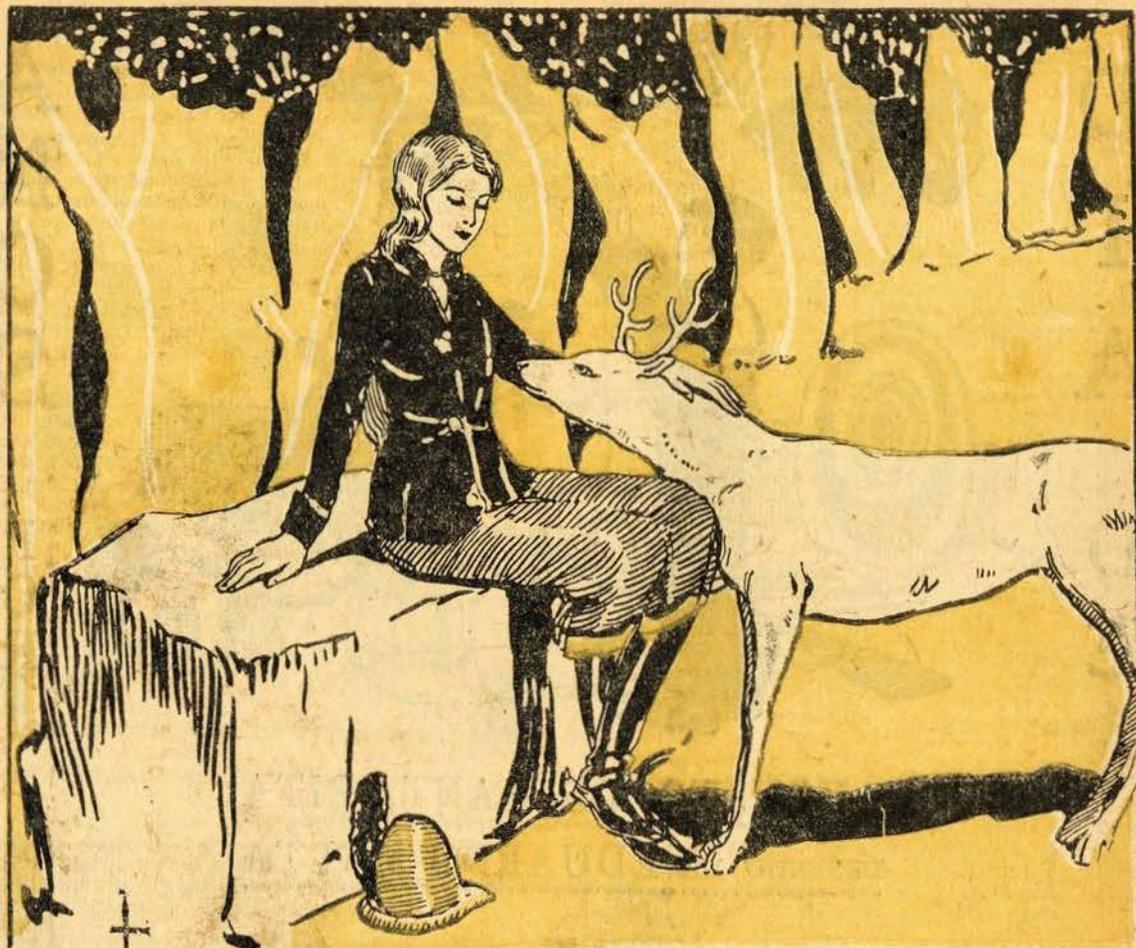
Ora um dia aconteceu que, numa dessas caçadas, foi perseguido durante horas um soberbo e infatigável veado, de hastas finas e focinho húmido, que acabou por desaparecer sem deixar rastro. O mesmo sucedeu durante as caçadas seguintes e, embora lobos e javalis caíssem trespassados de lanças e setas, o arceiro veado conseguia sempre escapar ilêso. Duma das vèzes houve um caçador que, acachapado atrás duma moita, o viu parar a dois metros de distância e viu então que as suas hastas eram de ouro. Tão movido ficou que nem tentou feri-lo e êle se afastou ligeiro como o ar.

Veiu contar aos outros o sucedido e o Duque Negro soube daquela estranha maravilha. Mas longe de sentir a menor admiração ou temôr, antes persistiu na febre de matar o pobre animal e, durante um mês seguido, deu-lhe caças ferozes. Até que finalmente os caçadores se fatigaram e o Duque Negro começou a persegui-lo sózinho com sua filha Saudade, que tentava engana-lo e metê-lo por atalhos não frequentados pelo veado misterioso. Ela tinha tanto dó dêle e amava tanto a sua fina elegância!

Ora uma ocasião houve em que, trotando ambos em plena floresta, a matilha dos cães se açulou de repente farejando o veado, e o Duque Negro se lançou em sua peugada. Saudade sentiu a alma cair-lhe aos pés de desânimo e refreou os ímpetos do corcel. Ficou pois sózinha naquele ponto da floresta, que era uma clareira pequena rodeada de fojo e pinheiros bravos.

A certa altura, como passasse mais duma hora, Saudade, não resistindo a uma vontade imensa de chorar, desmontou, ligou o corcel a um tronco e sentou-se numa pedra. Se alguém a visse assim, tão chorosa e bonita, tão meiga e doce, logo teria jurado aos Santos Evangelhos dedicar-lhe amor até á morte!





Eis senão quando, erguendo os olhos orvalhados e o rostozinho trémulo que parecia uma cascata, ela encontrou diante de si o airoso animal que julgava trucidado, pousando nela um destes olhares eloquentes que possuem certos bichos e dos quais a gente costuma dizer: «só lhe falta falar». Radiante, comovida, mas ao mesmo tempo recosa de causar-lhe susto, não fez o menor gesto. E eis que o veado se aproximou dela sem manifestar temór e ante a sua admiração infinita pousou a cabeça pensativa no seu regaço. Ela estendeu uma das suas lindas mãos e acariciou-o muito, achando-lhe o pêlo mais suave do que veludo.

E ponde ver, então, que o veado misterioso tinha as hastes de ouro fulgurante como a luz do sol. O veado demorou a cabeça no seu regaço até que, retirando-a ternamente, fez uma coisa que a deixou ainda mais espantada, e o que os veados não costumam fazer: abriu a boca e falou. Ela levantou-se assustadíssima mas êle tranquilizou-a:

«Não te assustes Saudade. Eu tenho voz humana porque sou um menestrel encantado por uma velha bruxa. Condenou me ela a errar pelos bosques sôb a aparência deste animal que vês, até que o meu encanto seja quebrado. Conheço-te, Saudade, desde pequenina, e desde que a natureza te deu a graça e o donaire da mulher, por ti nutro uma adoração que me consola e me atormenta. Ai, se eu guardo um coração de homem num corpo de animal, não será o meu sofrimento o maior que existe?»

Saudade ficou deliciada e angustiada com esta fala estranha, que emanava dum bicho, que revelava a aflição dum pobre tropeiro e que, sobretudo, traduzindo a beleza de uma primavera em flôr, lhe ensinava a maior beleza da vida, a beleza do amor. E, cheia de alvoroço, prometeu ao lindo veado que mais o esqueceria e que todas as tardes, à hora em que o sol se degola a si próprio no horisonte, viria convervar com êle àquela clareira.

Cumpriu a sua palavra e todas as tardes se ausentava do castelo, num galope doido. Mal chegada à clareira soprava na sua buzina de marfim, três curtos sons, e logo o veado lhe aparecia como trazido pelo vento.

Soube, por êle, que se cnamava Diniz, que era da sua terra, e que o seu encanto era tão difícil de quebrar como agarrar a lua no céu.

Ela, por seu turno, lhe contou a vida infeliz que levava e a inexorável melancolia de seu pai, o Duque Negro, aquele senhor de barbas escuras que queria matar o seu poeta-veado.

Assim continuaram durante muitos dias, ambos presos nos laços doces do coração, até que, por fim e por acaso, um dos homens do Duque Negro os surpreendeu naquele local.

Estarrecido, regressou ao castelo e entrando na sala de armas interrompeu o agitado passeio de seu amo, e ali lhe narrou o que vira e que sua filha Saudade falava com o veado das hastes de ouro que, por sua vez, oh milagre, lhe respondia como se fôsse gente.

Não quiz o Duque Negro acreditar a narrativa, porém, como o homem insistisse, abalou com êle do castelo no dia seguinte, atrás de Saudade.

Embuscados num silvado, viram-na desmontar e soprar a buzina três vezes, viram aparecer o veado e escutaram a sua conversa.

O homem, coitado, estava branco como a cal, pois aquela estranha scena lhe dava um pavor infinito. Mas o Duque Negro, que nada receava e que não conhecia a piedade, fez assobiar a sua lança, por cima das folhas e a lança foi cravar-se, com um baque surdo, em pleno peito do animal.

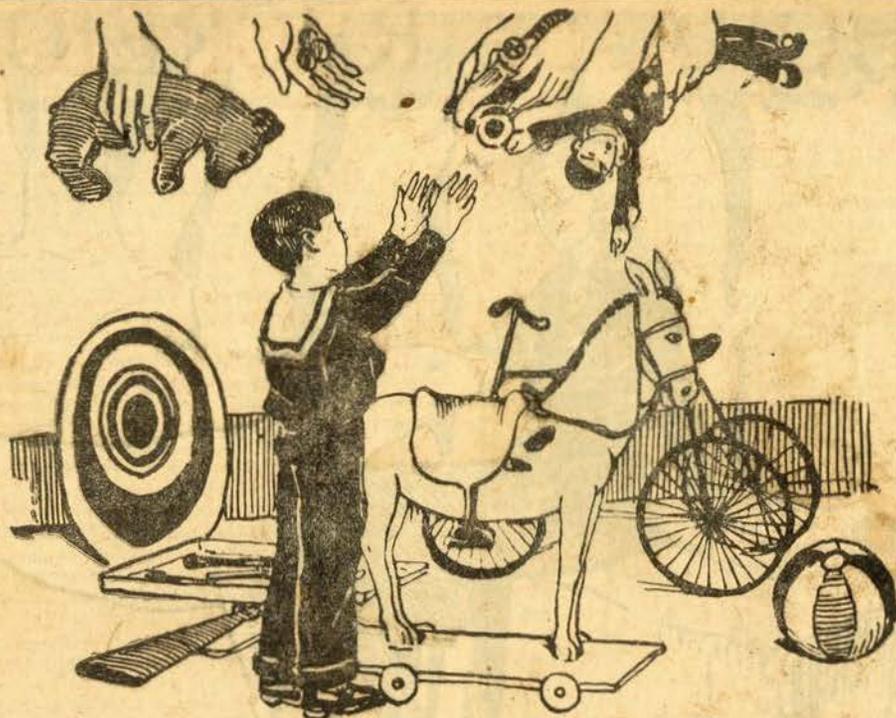
Saltou Saudade um grito desolado ao ver aquele acto tão cruel e outro grito soltou quando viu seu pai de espada em punho.

O veado, porém, juntando forças largou em corrida rápida e desapareceu entre as árvores do bosque, deixando, em frente de Saudade, uma poça de sangue.

O Duque Negro estava furioso e dali levou sua filha debulhada em lágrimas e a encarcerou na torre mais alta do castelo. Essa torre dava para o Oceano, cuja ondas se despedaçavam nos seus flancos.

(Continúa na página 7)

D
I
A
D
E



A
N
O
S
P
O
R

AUGUSTO DE SANTA-RITA
DESENHO DE EDUARDO MALTA

JUCA faz anos!... o dia
Amanheceu com mais luz!

Jesus, Jesus...
Que alegria!
Tantos brinquedos de trúz!

Um cavalinho de páu
Que vivo parece estar
Para o menino: — *upa, upa...*
Ir galopar:
— *táu-táu-táu...*!
Montado sobre a garupa.

Um barquinho, uma chalupa
Para navegar
No mar
Dum pequenino alguídar!

Lindo tambôr: — *rataplan...*
Para o menino tocar
Ao acordar
De manhã!

Uma pistola: — *pum! pum!...*
Com fulminantes e um
Brilhante, luzido alvo,

Que faz lembrar a cabeça
Do avôzinho que é calvo!

Uma corneta e um bumbo,
Lindo canhão, uma peça
E uma caixa de cartão,
Com soldadinhos de chumbo!

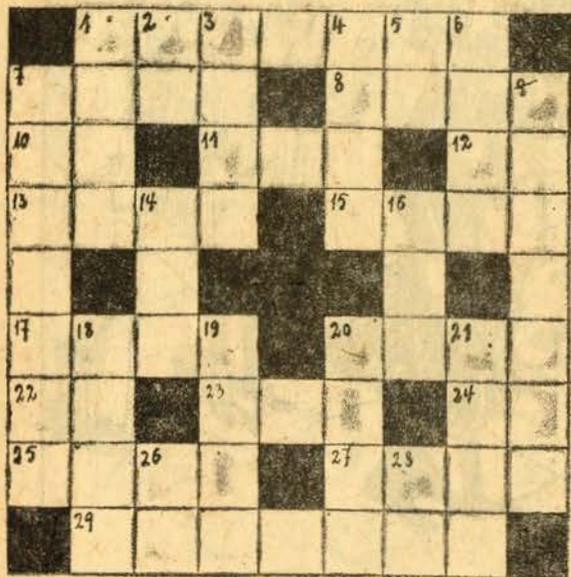
Um armamento, uma espada,
Um urso branco um carneiro,
E um passarinho que poisa
Num pequenino poleiro,
Uma argolinha doirada!

Tanta coisa, tanta coisa!

— «Ai, que bom que é fazer anos!...»
Murmura Juca contente,

Nisto os manos,
Mais pequenos,
Dizem tristes mas serenos:
— «Que bom que era toda a gente
Fazer anos
Uma vez
Por mês,
Ao menos!»

HORA DE RECREIO



RAUL R. OLIVEIRA

Palavras cruzadas

EXPLICAÇÕES

Cada casa em branco há de levar uma letra, de forma que depois se possam ler palavras, tanto horizontal como verticalmente.

Damos a seguir uma lista de sinónimos das palavras que se hão de ler horizontalmente. A lista diz: «l- nome de homem». Quer dizer: é preciso que desde o quadrado 1 até à casa preta, as sete casas em branco sejam preenchidas com as letras que hão de dar o «nome de homem». Não será Gabriel? Mais adiante, no número 12 da lista das palavras que se hão de ler horizontalmente, encontramos: «12-ave de caçadeira». Ora do quadrado 12 até ao primeiro quadrado preto, vão quatro casas em branco... Não será galo? Depois de preenchidas as casas há de o leitor ler verticalmente outras palavras cujo significado ou sinónimo encontrará na outra lista, na das palavras a ler verticalmente.

Não se faz caso dos acentos nem cedilhas.

Logo que saia a solução deste problema, ficam aptos a resolver todos os outros e dispensam mais explicações.

Raul Reis de Oliveira

Lista das palavras a ler verticalmente:

1—Fúria. 2—Prefixo latino. 3—Dóce. 4—O mesmo. 5—Ditongo. 6—Transporte. 7—Aspectos. 9—Lagosta. 14—Astro. 16—Artigo. 18—Seriam. 19—Luz reflectida pelo nosso satélite. 20—Minha mãe. 21—Preguiça. 26—Andava. 28—Prefixo latino (que significa: à roda).

Lista das palavras a ler horizontalmente:

1—Nome de homem. 2—Canção Nacional. 3—Ofereçam. 10—Em. 11—Pronome pessoal. 12—Ide. 13—Ave de caçadeira. 15—Da raça dos mús. 17—Do rei. 20—Garras. 22—Respira-se. 23—Fructa. 24—Duas consoantes. 25—Vestuario de mulher. 27—Mês. 29—Aprendiz de caixeiro.

A LENDA DA PRIMEIRA GUITARRA

(Continuação da pagina 5)

Assim viveu Saudade durante dias e dias, sem comer e sem beber, chorando sempre o lindo veado que julgava morto. E uma velha creada lhe contava que o Duque Negro procurára, em vão, o seu cadáver pelos bosques.

Ao cabo de algumas semanas de prisão, Saudade sentiu o irresistível desejo de rever a clareira onde conhecera Diniz. Mas a única janela da torre ficava a quarenta metros das rochas, contra as quais se quebravam com fragor as ondas do Oceano.

Depois de muito pensar, Saudade decidiu arriscar a vida a todo o custo e, mercê de reiteradas súplicas, conseguiu que a velha creada lhe trouxesse cordas que foi atando umas às outras. E tendo anoitecido, embora o luar brilhasse como uma salva de prata, ela ligou as cordas a uma coluna da janela e deixou-se escorregar.

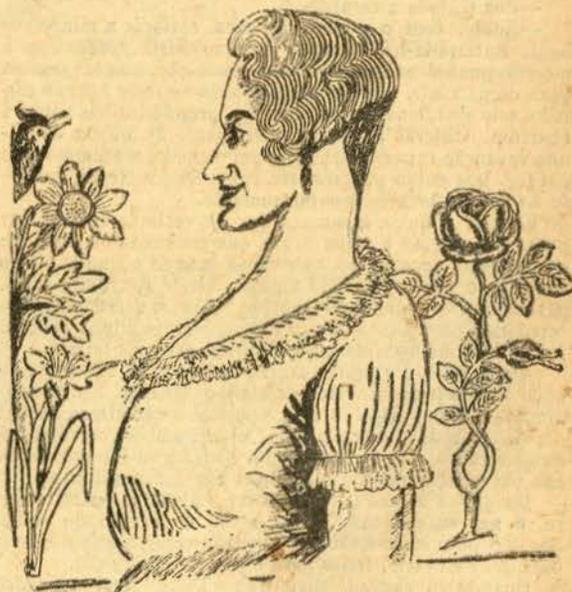
Levava ainda o seu traje de caçadora, a sua buzina de marfim e um punhal à cintura. Chegada ao fim da perigosa descida e quando procurava caminho sobre as rochas, foi arrebatada por uma onda mais alterosa e levada entre turbilhões de espuma.

Porém, Saudade, além de emérita caçadora era uma nadadora excelente e, apesar da bravura do mar, conseguiu, depois de muito esbracejar, atingir a costa a uma grande distância do castelo. Repetidas vezes a ressaca a lançou de encontro aos rochedos, em cujas asperezas se molestou, até que, providencialmente, uma enorme vaga a foi pousar em terra firme. Tão exausta estava que adormeceu e só acordou no dia seguinte sob a carícia quente do Sol. E logo se pôs em pé e toda despenteada se dirigiu para a floresta.

Quando chegou à desejada clareira, teve uma grande alegria pois deparou-se-lhe uma scena que parecia fantástica. O seu querido veado encontrava-se deitado junto da pedra em que ela costumava sentar-se e seu olhar, era muito

(Continúa na página 8)

Colaboração infantil



José Rodrigues Cercas Junior

(De Aljezur) 15 anos de idade



(CONTINUADO DA PAGINA 7)

triste e tinha ainda no peito a lança do Duque Negro. Saudade correu para ele de braços abertos e ele levantou a cabeça. Estava vivo mas quasi moribundo.

Saudade, murmurou ele, se te demoras mais não me encontravas vivo. Mas chegastes a tempo de quebrar o meu encanto. Prometes fazer o que te vou pedir?

—Prometo.

—Não te assustes pois; o meu encanto só poderá ser quebrado da seguinte maneira.

Mas terás tu coragem?

—Por ti, toda a coragem.

—Então, com o punhal de caça, cortarás a minha cabeça. Enterrá-la-hás, depois, debaixo desta pedra. Com o mesmo punhal arrancar-me-hás o coração, que lavarás na água duma fonte. Abrirás meu coração ao meio e tendo cortado seis dos teus lindos cabelos, prendê-los-hás sobre a abertura. Obterás assim um instrumento de música da minha invenção capaz de comover um rochedo, tão meigos sons produz. Irás então procurar teu pai, o Duque Negro, e diante de teu pai tocarás esse instrumento.

E' esta a única esperança que me resta de voltar a ser quem era, porque a velha bruxa que me encantou disse-me que o meu encanto só terminaria quando o Duque Negro chorasse e risse como toda a gente. Se ele ficar impassível, pertencerei ao número dos mortos. Se ele se deixar comover, corre depressa a esta lareira e desenterra a minha cabeça. Mergulha-a na água da mesma fonte e seremos felizes.

Assim falou o veado encantado e Saudade, antes de executar o seu pedido, verteu desoladas lágrimas. Até que ganhando ânimo, degolou com o punhal a sua airosa cabeça e a enterrou debaixo da pedra. Depois, embora corresse um sangue rubro, rasgou-lhe o peito e arrancou-lhe o coração. Era um coração enorme e ardente, que pulsava ainda.

Dirigiu-se a uma fonte próxima, escondida entre verdura, e nas suas águas frescas lavou o coração do veado. Abriu-o pelo meio e sobre a abertura colocou seis dos seus cabelos. Feito isto, foi-se para o castelo de seu pai.

Quando lá chegou, encontrou o Duque Negro no pátio do castelo. Em volta havia homens de armas e um magote de prisioneiros que iam ser enforcados. As forças levantavam-se do chão como sombras terríveis e as sombras dos corvos pairavam já, antegosando um festim horroroso.

O Duque Negro, ao dar com os olhos em Saudade, teve um assomo de cólera e dirigiu-se para ela praguejando. Mas o aspecto de Saudade era tão imperturbável e divino que logo se deteve cheio de admiração, enquanto os prisioneiros se ajoelhavam todos em homenagem.

Então, em frente de todos, de seu pai boquiaberto, dos homens de armas atônitos e dos condenados extáticos, Saudade começou a tocar no coração do seu amor, que era uma verdadeira guitarra e cuja música deliciosa, profundamente triste e lânguida, dava vontade de soluçar. A melodia era tão suave que os corvos fugiram e um bando de pombas, brancas como a neve, veio pousar em volta de Saudade. Ela tocou assim durante muito tempo, de olhos baixos, fazendo vibrar as notas mais sentimentais e mais enternecedoras. Ao terminar ergueu ansiosamente os olhos e viu os prisioneiros soluçando, os soldados soluçando, e, oh maravilha das maravilhas, seu pai que a fitava dôcemente com o rosto banhado em lágrimas.

Seu pai chorava pela primeira vez!

Seu pai também tinha alma como qualquer pessoa!

E a linda Saudade deixou-se ganhar pelos soluços, que eram soluços de alegria. E sem saber como encontrou-se, devorada de beijos, nos braços do Duque Negro.

E o resto da história é duma simplicidade bíblica. Saudade desententou Diniz, desenterrando-lhe a cabeça e lavando-a na mesma mesma fonte.

Diniz era um formoso mancebo, dotado das mais belas qualidades e o Duque Negro não teve dúvida alguma em dar-lhe sua filha em casamento. Devo acrescentar que o Duque cortou as barbas, deixou de caçar animais inofensivos e passou a ter sempre nos lábios um sorriso de ventura.

Com o andar dos tempos o uso da guitarra generalisou-se, feita em madeira, está claro e com cordas de metal.

Alguns anos depois, nasceu o nome de Portugal e portuguêses se chamaram os seus habitantes. Pois não havia um português que não conhecesse a palavra «Saudade» e não soubesse tocar guitarra!

A primeira música da guitarra foi, como não podia deixar de ser, um sufocado suspiro de amor.

E é por isso que a guitarra, ainda hoje, têm, vagamente, a forma dum coração.